



**INSTITUTO DE PSICOLOGIA - DEPARTAMENTO DE
PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO -
PED**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA
CLÍNICA E INSTITUCIONAL
TURMA IX
(2010/2011)**

Coordenação: Profa. Dra. Maria Helena Fávero

TRABALHO FINAL DE CURSO

Apresentado por: Amanda Kling Rangel

Orientado por: Elizabeth Queiroz

BRASÍLIA, 2011

**INDISCIPLINA NA ESCOLA E ALTAS HABILIDADES:
IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO SÓCIO-
EMOCIONAL**

Apresentado por: Amanda Kling Rangel

Orientado por: Elizabeth Queiroz

-INDICE

I/ Colocação do Problema	p. 04
II/ Fundamentação Teórica	p. 06
III/ Método de Intervenção.....	p. 16
3.1/ Sujeito(s) e/ou Instituição.....	p. 16
3.2/ Procedimento(s) Adotado(s) (descrição geral).....	p. 16
IV/ A intervenção psicopedagógica: da avaliação psicopedagógica à discussão de cada sessão de intervenção.....	p. 17
4.1/ Avaliação Psicopedagógica.....	p. 17
Sessão de avaliação psicopedagógica 1.....	p. 17
Sessão de avaliação psicopedagógica 2.....	p. 18
Sessão de avaliação psicopedagógica 3.....	p. 21
Sessão de avaliação psicopedagógica 4.....	p. 23
4.2/ As Sessões de Intervenção.	p. 26
Sessão de intervenção psicopedagógica 1.....	p. 26
Sessão de intervenção psicopedagógica 2.....	p. 27
Sessão de intervenção psicopedagógica 3.....	p. 30
Sessão de intervenção psicopedagógica 4.....	p. 32
Sessão de intervenção psicopedagógica 5.....	p. 35
Sessão de intervenção psicopedagógica 6.....	p. 37
Sessão de intervenção psicopedagógica 7.....	p. 39
Sessão de intervenção psicopedagógica 8.....	p. 40
Sessão de intervenção psicopedagógica 9.....	p. 42
Sessão de intervenção psicopedagógica 10.....	p. 44
Sessão de intervenção psicopedagógica 11.....	p. 46
V/ Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica.....	p. 48
VI/ Considerações finais.....	p. 50
VII/ Referências Bibliográficas.	p. 51

I/ Colocação do Problema

A escola é um ambiente de aprendizagem amplo, não só de conteúdos pré-estabelecidos, mas, também, de socialização entre pessoas com sentimentos, atitudes e valores diferentes.

No entanto, a escola muitas vezes não está preparada para receber alunos que estão fora dos padrões determinados. Essa falta de preparo pode se reverter a situações não desejadas em sala de aula, como o excesso de timidez e indisciplina. A timidez, por vezes, passa despercebida durante as aulas, sendo verificada a dificuldade do educando apenas após o resultado das provas ou em situações atípicas. Já a indisciplina, pode ser percebida em diferentes situações como através do uso da linguagem imprópria, desrespeito e desobediência pelas normas determinadas em sala, presentes nas escolas. Essas são algumas questões que afetam muito o professor durante as aulas, porém sem dar a devida importância aos motivos.

Muitas são as causas para o comportamento indisciplinado em sala de aula, tal como desagrado em relação aos conteúdos abordados ou a forma como são trabalhados; bastante facilidade, o que resulta na resolução mais rápida das atividades em relação aos demais colegas; bastante dificuldade, o que pode derivar em desinteresse; características de personalidade e/ou situações adversas familiares que resultam na necessidade de chamar atenção para si; entre muitas outras. Independente da causa, percebe-se que há a dificuldade em administrar aulas com alunos que apresentam necessidades especiais diversas, tanto físicas quanto intelectuais. Mas não só os alunos com dificuldades de aprendizagem apresentam-se como problemas em sala de aula, mas, também, os que se deparam com grande facilidade.

O desenvolvimento de pessoas com altas habilidades /superdotados é comprometido pela dinâmica padrão das escolas. De acordo com Damon (1995), McGuffog (1985) e Winner (1998), citados por Alencar e Fleith (2007), “alguns estudos apresentam a existência de efeitos negativos como o fracasso, desequilíbrio emocional e negação do talento por parte do superdotado”. (p.19)

Diante do explicitado, o presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo de caso sobre uma criança com queixa de indisciplina de forma, a partir da avaliação e intervenção psicopedagógicas, contribuir para o entendimento desse comportamento na

escola e possíveis repercussões para o seu desenvolvimento. A revisão de literatura apresenta conceitos sobre indisciplina, definição de altas habilidades e aspectos do acompanhamento educacional de indivíduos com altas habilidades, bem como a legislação pertinente e dificuldades de diagnóstico.

II/ FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2. 1 – Indisciplina na escola

A indisciplina refere-se ao não cumprimento das regras estabelecidas, que orientam as atividades dentro e fora de sala de aula, além do não reconhecimento dos valores que corroboram para a relação social (Caeiro & Delgado, 2005).

Como explicitado antes, a indisciplina pode ter várias origens, entre elas: falta de interesse na temática abordada ou metodologia aplicada, tipos de personalidade, necessidade de chamar a atenção do professor, o que não exclui a grande influência da natureza social e familiar. Não se discute a complexidade do processo ensino-aprendizagem uma vez que “... a visão completa do ensino deve conferir relevo tanto a fatores externos como a fatores internos à aula, realçando a sua estreita ligação” (Amado, 2001, p. 42).

Com isso, é possível entender que a indisciplina em contexto educativo sugere pensar em uma multiplicidade de aspectos, que envolve aluno, professor, escola, sistema educacional, família e sociedade.

De acordo com Caeiro e Delgado (2005), muitos pais não participam do processo de colaboração, “quer por falta de disponibilidade ou por insuficiente preparação para lidar com a especificidade comportamental do seu educando, exigindo ao professor e à escola responsabilidades na educação de seu filho” (p. 39).

Perante a indisciplina é necessário considerar tudo e todos os envolvidos na educação, direta ou indiretamente, entretanto, sem negligenciar as possibilidades de necessidades especiais sujeitas aos alunos.

Diante das diferenças interindividuais a serem consideradas no contexto escola, Kirk e Gallaguer (1991) destacam:

Uma das principais razões do surgimento da educação especial foi a grande diversidade de capacidade e desempenho escolar dos alunos de uma faixa etária e nível escolar semelhantes. Embora se espere que os professores comuns de escola primária “individualizem” o seu currículo e as lições para satisfazer as necessidades de cada aluno, os problemas inerentes ao desenvolvimento de um programa de ensino individualizado são raramente reconhecidos (p. 38).

Alunos com altas habilidades carecem de atenções especiais assim como alunos com dificuldade de aprendizagem, pois também apresentam uma necessidade especial. As atividades devem ser proporcionadas aos alunos de acordo com a especificidade de cada um, potencializando as facilidades, aprimorando métodos e desenvolvendo aspectos mais complexos, pois nem todas as crianças aprendem e se desenvolvem no mesmo ritmo.

Em revisão recente da literatura, Ourofino, Fleith e Gonçalves (2011) destacam a necessidade de distinção entre o aluno regular, que não atingiu seus objetivos acadêmicos por fatores associados às dificuldades de aprendizagem, de comportamento e às limitações cognitivas diante do currículo escolar, e aquele aluno superdotado, que demonstra produtividade acadêmica incompatível com seu potencial.

2.2 – Definição de altas habilidades

A pessoa com altas habilidades pode também ser chamada de superdotada, o que gera uma variedade de conceitos e mitos a respeito. De acordo com Alencar (2001) o termo altas habilidades sugere maior enfoque ao desempenho do que às características da pessoa, já o termo superdotado implica habilidades extremas. No presente trabalho esses dois termos serão usados de forma sinônima.

Na literatura existe a consideração de que com os mitos, conceitos e definições diversas, as dificuldades aumentam para os estudos e entendimentos mais adequados. No entanto, apesar das dificuldades, as pesquisas apontam para alguns consensos.

Alencar e Fleith (2001) ressaltam que os superdotados não integram a homogeneidade, fazendo com que a busca para um conceito específico seja complexa e multifacetada. É necessário observar fatores internos e externos que influenciam o desenvolvimento do talento, considerando a diversidade sociocultural e pessoal.

Desta forma, mesmo dentro de um estereótipo definido, há diferenciações quanto ao desenvolvimento intelectual, emocional e físico. Com isto, é imprescindível considerar a individualidade de cada um para que suas necessidades sejam trabalhadas e superadas.

São referência aos estudos de altas habilidades Renzulli e Reis (1997), citados por Alencar e Fleith (2007), com o modelo dos Três Anéis. Eles enfatizam as altas habilidades como a interação de três fatores: habilidade acima da média, envolvimento

com a tarefa e criatividade, presentes em “certas pessoas, em certos lugares e sob certas circunstâncias” (p. 16). A partir do modelo proposto, Alencar e Fleith (2007) definem seus componentes da seguinte maneira:

- **Habilidade acima da média:** refere-se aos comportamentos observados, relatados ou demonstrados que confirmariam a expressão de traços consistentemente superiores em qualquer campo do saber ou do fazer. Assim, tais traços apareceriam com frequência e duração no repertório de uma pessoa, de tal forma que seriam percebidos em repetidas situações e mantidos ao longo de períodos de tempo;
- **Criatividade:** são os comportamentos visíveis por intermédio da demonstração de traços criativos no fazer e no pensar, expressos em diferentes linguagens, tais como: falada, gestual, plástica, teatral, matemática, musical, filosóficas ou outras;
- **Envolvimento com a tarefa:** relaciona-se aos comportamentos observáveis por meio de expressivo nível de interesse, motivação e empenho pessoal nas tarefas que realiza.

Um dos aspectos que Renzulli (1997) dá ênfase em sua concepção é o motivacional. Esse aspecto inclui uma série de traços, como: perseverança, dedicação, esforço, autoconfiança e uma crença na sua própria habilidade de desenvolver um trabalho importante.

Nem todos os alunos com altas habilidades/superdotados ou talentosos apresentam as mesmas características e habilidades, nem todos têm o mesmo potencial, nem todos materializam plenamente seu potencial. Cada um tem um perfil próprio e uma trajetória singular de realização, necessitando de atendimento especial.

2.3 - Implicações das altas habilidades/superdotação para o desenvolvimento educacional e social

Crianças com altas habilidades, segundo Silverman (2002), citado por Fleith (2007), podem apresentar assincronia entre o desenvolvimento cognitivo e a maturidade física ou emocional. Essa assincronia pode gerar estresse para a criança e família, sendo

recomendável um aconselhamento psicológico como balanceamento importante para prevenção de problemas emocionais ou comportamentais que essas crianças possam apresentar. Piechowski (1991), citado por Fleith (2007), refere-se à resposta intensa dos indivíduos superdotados à estimulação do ambiente como superexcitabilidade. Para o autor, essa ocorre de cinco maneiras:

1. Psicomotora – ser energético, com fala rápida, impulsividade, pressão para ação;
2. Sensorial – prazer advindo dos sentidos;
3. Intelectual – compulsão pela leitura, pensamento analítico;
4. Imaginativa – facilidade em inventar e fantasiar, tendência à dramatização, mistura de fato com ficção;
5. Emocional – intensidade de emoções, ansiedade, depressão, sentimento de inadequação ou inferioridade.

De acordo com Carita e Fernandes (2002) é preciso sensibilidade para perceber as dificuldades e facilidades das crianças durante as atividades, para que sejam proporcionadas atividades adequadas, quanto ao tempo de execução e complexidade, para o desenvolvimento da aprendizagem de forma sistêmica e continuada.

Percebe-se que propiciar condições favoráveis para o desenvolvimento de crianças com altas habilidades implica não somente à escola, mas submerge a família e demais envolvidos no desenvolvimento dessa criança a estarem atentos às suas necessidades afetivas e intelectuais. Dessa forma, de acordo com Colangelo (1997), citado por Fleith (2007), o ideal é que a família, escola e sociedade trabalhem em parceria para aprimorar os recursos oferecidos a esses indivíduos, com necessidades educativas especiais, considerando como um desafio o cultivo da capacidade diferenciada de desempenho. Para Silverman (1993), altas habilidades é uma qualidade da família, e não apenas uma qualidade que diferencia a criança de todo o resto

A escola é a área da vida onde o superdotado pode apresentar o bom ou ruim desenvolvimento. Tanto sua capacidade superior pode ajudar-lhe nos estudos e contribuir para um desempenho excepcionalmente bom, como a mesma capacidade pode levar ao tédio, aborrecimento ou rebeldia capazes de provocar desempenho insatisfatório. Diante disto, Neihart *et al*, 2002, conforme citado por Alencar e Fleith (2007) destacam que:

Torna-se, portanto, de especial importância compreender que a falha em identificar corretamente e atender as necessidades especiais dessa população pode colocar o aluno em risco de fracasso escolar e comprometer seriamente tanto o seu desenvolvimento cognitivo quanto emocional, impedindo-o de realizar plenamente o seu potencial (p. 26).

De acordo com Ferreira e Souza (2001) quando uma criança muito habilidosa não é estimulada de forma adequada intelectualmente, essa pode demonstrar alterações de comportamento como resposta à frustração, tornando-se comum que esses alunos se tornem entediados e retraídos diante da rotina escolar determinada pela média da turma. Portanto, é necessária a constante adequação de atividades que proporcionem interesse e estimulação apropriada ao nível de desenvolvimento de aprendizagem de cada aluno.

Dentro deste contexto, a escola deve trabalhar constantemente para uma educação para as novas competências demandadas, definida por Perrenoud (1999, p. 44) como:

Uma competência se apresenta, primeiramente, como uma excelência virtual, em outras palavras, como a capacidade latente, interiorizada, de fazer certas coisas consideradas difíceis: tocar flauta, datilografar, ler ou falar uma língua estrangeira, redigir uma carta, construir um triângulo retângulo. A competência não é o que o torna possível, mas isso ainda não nos diz nada de sua exata natureza!

Para auxiliar o desenvolvimento de pessoas com altas habilidades, Marker (1982) apresenta cinco aspectos pedagógicos fundamentais para facilitar o processo de educação, aspectos estes que, sem dúvida, favorecem a motivação, o interesse e a aprendizagem livres de tensão. São eles:

- A aprendizagem deve estar centrada no aluno e não no professor;
- Deve ser encorajada a independência, e não a dependência;
- Deve ser encorajada uma atmosfera de "abertura mental" em sala de aula;
- Deve ser enfatizada a aceitação de idéias e não o seu julgamento;
- Deve ser permitida e encorajada a alta mobilidade do aluno dentro da sala.

De um modo geral, trata-se de princípios que deveriam ser aplicados em toda e qualquer sala de aula, esteja ela repleta de alunos com dificuldade de aprendizagem,

facilidade de aprendizagem ou com alunos em nível padrão de desenvolvimento. O fato é que a ausência desses preceitos é prejudicial ao aluno com altas habilidades, assim como, também, pode ser prejudicial aos outros estudantes.

2.4 – Legislação

Muitas famílias que possuem indivíduos com necessidades diferenciadas, perante o desenvolvimento padrão da sociedade escolar, não conhecem seus direitos para requerer tratamento diferenciado. No entanto, para proporcionar uma educação democrática, onde todos possuem direitos iguais para aprender, mas com respeito às diferenças no desenvolvimento individual, há parâmetros legais em diferentes níveis que asseguram os direitos desses indivíduos, tanto em esferas internacionais quanto nacionais.

O dispositivo internacional mais importante é a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948) que estabelece que

[...] todo ser humano é elemento valioso qualquer que seja a idade, sexo, idade mental, condições emocionais e antecedentes culturais que possui, ou grupo étnico, nível social e credo a que pertença. Seu valor é inerente à natureza do homem e as potencialidades que traz em si e que todo ser humano, em todas as suas dimensões, é o centro e o foco de qualquer movimento para sua promoção. Princípio esse que exige uma ação integrada de responsabilidade e de realizações pluridimensionais. Todo ser humano tem direito de reivindicar condições apropriadas de vida, aprendizagem e ação, de desfrutar de convivência condigna e de aproveitar as experiências que lhe são oferecidas para desempenhar-se como pessoa e como membro de uma comunidade.

Além desse, a Declaração de Salamanca (Nações Unidas, 1994) trouxe uma contribuição significativa ao incluir crianças com deficiência ou superdotados, crianças de rua ou crianças que trabalham, crianças de populações remotas ou nômades, crianças de minorias lingüísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais, ressaltando de forma mais explícita os diferentes estudantes alvos de intervenção.

Na esfera nacional encontramos dispositivos federais, estabelecidos na Constituição da República Federativa do Brasil (1988), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (1996) e no Plano Nacional de Educação (2001).

A constituição brasileira aborda o tema em diferentes momentos, principalmente:

Artigo 1º - a República Federativa do Brasil, formada pela União indissolúvel dos Estados, Municípios e Distrito Federal, constitui-se em Estado democrático de direito e tem como fundamento:

Inciso III – a dignidade da pessoa humana.

Artigo 205 – a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Artigo 208 – O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

Inciso V – acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um.

Artigo 227 – É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda a forma de negligência.

Embora a LDB faça referência ao tema, os Parâmetros Curriculares Nacionais, Adaptações Curriculares, Estratégias para a Educação de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (1998) aborda questões mais específicas como a superdotação. De acordo com esse documento, a expressão necessidades educacionais especiais pode ser utilizada para referência a crianças e jovens cujas necessidades decorrem de sua elevada capacidade ou de suas dificuldades para aprender. [...] Tem o propósito de deslocar o foco do aluno e direcioná-lo para as respostas educacionais que eles requerem [...] e indica como estratégias para alunos com superdotação: evitar sentimentos de superioridade, rejeição dos demais colegas, sentimentos de isolamento etc.; pesquisa de persistência na tarefa e o engajamento em atividades cooperativas; materiais, equipamentos e mobiliários que facilitem os trabalhos educativos; ambientes favoráveis de aprendizagem como: ateliê, laboratórios, bibliotecas etc.; materiais escritos de modo que estimule a criatividade: Lâminas, pôsteres, murais;

inclusão de figuras, gráficos, imagens etc.; e de elementos que despertam novas possibilidades. A análise das sugestões chama a atenção sobre o papel do educador e da escola no atendimento das necessidades dos alunos.

No Plano Nacional de Educação (Lei 10.172 de 09/01/01) há diretrizes para a educação superior de pessoas com altas habilidades, com incentivo para que as instituições de ensino superior identifiquem, na educação básica, estudantes com altas habilidades intelectuais, nos estratos de renda mais baixa, com vistas a oferecer bolsas de estudo e apoio ao prosseguimento dos estudos. O Plano, na seção 8, contempla a Educação Especial, com seus objetivos e metas expressos nos incisos 2, 4, 5, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, disponíveis no site do Ministério da Educação e Cultura.

Apesar dos avanços, a Resolução CNE/CEB nº2, de 11 de setembro de 2001 do Conselho Federal de Educação (Diretrizes nacionais para Educação Especial Básica) estabelece nos artigos 8 e 20 que [...] determinados segmentos da comunidade permanecem igualmente discriminados e à margem do sistema educacional, como é o caso dos superdotados, portadores de altas habilidades, “brilhantes” e talentosos, deixando de receber os serviços de que necessitam, como por exemplo o enriquecimento e aprofundamento curricular e enfatiza a necessidade de organizar os procedimentos de avaliação pedagógica e psicológica; cumprir a legislação no que se refere: ao atendimento suplementar; à aceleração/avanço, permitindo, inclusive, a conclusão da Educação Básica em menor tempo; ao registro do procedimento adotado em ata da escola e no dossiê do aluno; incluir, no histórico escolar, as especificações cabíveis.

2. 6 – Dificuldades de diagnóstico

Para que a escola alcance uma educação democrática é necessário identificar as diferenças individuais e, deste modo, proporcionar oportunidades de aprendizagem segundo as habilidades, interesses, características de aprendizagem e potencialidades dos alunos. Como já exposto, crianças com altas habilidades possuem o direito a ter acesso a práticas educacionais que dêem suporte às suas necessidades, possibilitando um melhor desenvolvimento de suas habilidades.

A escola e família devem buscar profissionais capacitados e eficientes para que os auxiliem com as crianças que não são enquadradas no desenvolvimento padrão de aprendizagem.

O psicopedagogo é um profissional que poderá auxiliar a criança, família e escola, quanto às necessidades para o desenvolvimento da aprendizagem, através de diagnósticos e intervenções.

Diagnosticar uma criança após sessões de avaliação psicopedagógica é uma tarefa complexa. É necessário levar em consideração a estrutura familiar e escolar do meio em que o indivíduo vive e, principalmente, o que este diagnóstico proporcionará como auxílio para a família e criança. De acordo com Weiss (2008), é preciso que o psicopedagogo compreenda o indivíduo que está intervindo, verificando

“... qual é o modelo de aprendizagem, o que já aprendeu, o que pode aprender, o que interfere no aprender do ponto de vista cognitivo e afetivo-social, que recursos possui, se os mobiliza ou não, que direção tomam seus interesses e motivações na busca do conhecimento (p. 145).”

De acordo com Kirk E Gallaguer (1991), o diagnóstico pode auxiliar muito o trabalho do educador e interferência da família para com a criança, sendo possível facilitar aprovação de legislação que assegurem seus direitos. No entanto, por vezes é perigoso, pois pode proporcionar rótulos às crianças, não podendo ser mensurado quais serão os efeitos potenciais sobre a pessoa. Outra razão para a cautela quanto ao diagnóstico e rótulos é a possibilidade de que crianças sejam postas em categorias erradas.

Contudo, verifica-se o quão complexo é o processo de diagnóstico para o profissional psicopedagogo, educador, família e indivíduo. É necessário ter cautela e conhecimento vasto sobre o tema a ser abordado, nunca rotulando ou impondo quais serão os limites e chances que o indivíduo terá, pois isto não é uma ciência exata, e cada um possui uma subjetividade no processo de desenvolvimento.

Essa dificuldade é ainda maior quando se assume que a superdotação está relacionada a um alto desempenho. Gonçalves e Fleith (2011) ao compararem alunos superdotados e não-superdotados em relação à criatividade e à inteligência, não encontraram diferenças em relação à inteligência e para criatividade, os resultados apontaram diferenças significativas na originalidade verbal e figurativa, o que corrobora

a necessidade de se considerar a diversidade de características presentes nos indivíduos superdotados.

O diagnóstico é apenas uma etapa do processo de acompanhamento da pessoa com altas habilidades. Martins e Alencar (2011) chamam a atenção para o fato de que para atuar na área de altas habilidades/superdotação é necessário que o professor tenha formação específica. Para as autoras, “é desejável que, nesta formação, sejam incluídas teorias sobre o tema, informações sobre comportamentos típicos de alunos superdotados e, se possível, estágios para observação e regência em instituições que oferecem atendimento especial de boa qualidade a estes alunos” (p. 43).

III/ MÉTODO DE INTERVENÇÃO

3.1/ Sujeito:

M., 10 anos, filho único, aluno do 4º ano de uma escola particular do Distrito Federal, mora com os pais. Apresenta dificuldade de interação social, preferindo, em muitos momentos, o isolamento à interação com outras crianças. Na escola, passa o recreio na biblioteca alegando não gostar das brincadeiras dos colegas. Pai é servidor público e mãe trabalha em uma escola de paisagismo. Diante de questionamentos da escola, quanto ao comportamento da criança, a mãe solicita avaliação para auxiliar o filho quanto às dificuldades encontradas na escola e demais áreas de convívio social.

3.2/ Procedimento(s) Adotado(s):

Foram realizadas quatro sessões de avaliação psicopedagógica e 11 de intervenção psicopedagógica. As sessões aconteceram uma vez por semana, com duração aproximada de 50 minutos, no salão de festas do bloco onde a criança reside, de forma a garantir a privacidade necessária para a realização das atividades propostas.

Visita escolar, análise do material escolar, entrevista e orientação com os pais e observação da criança em situação de interação social complementaram o planejamento do acompanhamento.

IV/ A intervenção psicopedagógica: da avaliação psicopedagógica à discussão de cada sessão de intervenção.

4.1/ Avaliação Psicopedagógica

- Sessão de avaliação psicopedagógica 1 (25/08/2011).

-Objetivo: identificar o motivo de solicitação de avaliação psicopedagógica

-Procedimento e material utilizado: realização de uma entrevista semi-estruturada com a mãe da criança, a partir do seguinte roteiro:

Quais os relatos da escola diante do desenvolvimento da criança?

Quais os questionamentos da família diante do desenvolvimento da criança e relato da escola?

Qual o desempenho da criança relacionado às notas da escola?

- Resultados obtidos e discussão:

A mãe relata que nunca houve reclamações da escola em relação à criança quanto às notas obtidas, e sim, sempre, quanto ao comportamento junto aos colegas de classe durante as atividades em sala, e atividades físicas, como educação física, natação e judô.

A criança foi expulsa do Judô este ano. Na natação os pais dos colegas também queriam a expulsão do aluno, mas a professora responsável interveio e, de acordo com o relato da mãe, tenta trabalhar com seu filho de forma mais produtiva para que ele não atrapalhe (sic) os demais colegas.

Na escola a criança é levada para a coordenação de forma regular, pois não atende às solicitações da professora, respondendo “Não estou nem aí”, o que se repete diante da coordenação.

No entanto, mesmo com tais dificuldades de interação social e comportamento, o aluno sempre apresentou excelentes notas, facilidade quanto às atividades dirigidas em sala e com o dever de casa, realizando-as com rapidez, e gosto pela leitura e atividades individuais.

O material escolar foi analisado. M. apresenta muita desorganização perante às atividades da escola. Os cadernos são desorganizados quanto aos espaços utilizados e

caligrafia. É necessário que seja trabalhado a organização e dedicação para os afazeres da escola. A mãe afirma que quando M. é cobrado, faz letras mais legíveis e é mais organizado, porém ele não tem paciência para fazer isto todo o tempo.

Chama a atenção o fato de que o estudante não é questionado pela escola quanto ao aprendizado e notas, mas somente quanto ao comportamento mediante atividades com os colegas em sala. É necessário verificar o motivo para a dificuldade de interação social para que não venha a prejudicar o desenvolvimento da criança.

- Sessão de avaliação psicopedagógica 2 (29/08/2011).

-Objetivo: Apresentar a proposta do acompanhamento psicopedagógico à criança, identificar desempenho durante a realização de atividades de leitura, matemática e lógica.

-Procedimento e material utilizado: O contato foi estabelecido por meio de perguntas sobre a escola, tais como: se gosta da escola; se os colegas são legais; se gosta da professora; como são as atividades; se as atividades são fáceis; se realiza as atividades com rapidez; se a professora passa atividades extras enquanto os outros colegas terminam o exercício; se auxilia os colegas nas atividades em sala.

Depois de estabelecido rapport, foram iniciadas as cinco atividades planejadas:

Atividade 1

- **Nome:** Labirinto inteligente
- **Objetivo:** Trabalhar o raciocínio através de combinações apresentadas. Este jogo foi utilizado para aproximar a profissional e a criança para o contato a ser estabelecido.
- **Material utilizado:** Tabuleiro em madeira e 20 combinações possíveis para a movimentação dos pinos.
- **Descrição da atividade:** Através de um tabuleiro, combinações foram sugeridas para que a criança montasse. No entanto, o raciocínio lógico é utilizado para que consiga a combinação estipulada, pois as movimentações dos pinos não são feitas de modo aleatório.

Atividade 2

- **Nome:** Sigoga de Tusco
- **Objetivo:** Através do jogo, que envolve raciocínio lógico, estabelecer interação entre a profissional psicopedagoga e a criança, de forma descontraída e direcionada.
- **Material utilizado:** Tabuleiro e seis peças (três peças por jogador)
- **Descrição da atividade:** Colocam-se as peças em linha; cada jogador escolhe um tipo de peça diferente; alternadamente cada jogador move uma de suas peças para uma casa vazia (adjacente ou não); ganha o jogador que conseguir colocar três peças em linha, numa posição diferente da inicial.

Atividade 3

- **Nome:** Identificando e organizando figuras
- **Objetivo:** Verificar a capacidade de inferência, de conscientização semântica e sintática.
- **Material utilizado:** Figuras avulsas que juntas compõem uma história.
- **Descrição da atividade:** A terceira atividade envolve uma história contada através de figuras. No entanto, essas figuras estavam fora de ordem. A intervenção tem como propósito oportunizar o acesso às imagens; verificar a capacidade de inferência, de conscientização semântica e sintática. Por meio do diálogo, estimular o sujeito a estabelecer relações entre os elementos da imagem e a mensagem que intenta transmitir; Construir inferências sobre a imagem; Registrar as hipóteses e inferências.

Atividade 4

- **Nome:** Identificando e organizando fragmentos de texto
- **Objetivo:** Verificar a consciência semântica e pragmática da criança.
- **Material utilizado:** Conto “A formiga e a cigarra” apresentado em fragmentos

- **Descrição da atividade:** A penúltima atividade é apresentada com um texto fragmentado, tem como objetivo suscitar, através do diálogo, que a criança estabeleça relações entre as partes do texto (consciência semântica), possibilitando inferências para a composição da história e inferências quanto ao cotidiano e sócio-cultura (consciência pragmática).

Atividade 5

- **Nome:** Girando a roleta e contando frações de canudinhos
- **Objetivos:** O objetivo desta atividade é trabalhar conceito de fração com a utilização do material concreto, usando a base 4. Agrupar e desagrupar os pedaços (vai um).
- **Conceitos:** Agrupar (“vai um”); unidade; dezena; fração
- **Material utilizado:** canudinhos, ábaco de papel para cada participante (psicopedagoga e aluno) e uma roleta com frações de base 4
- **Descrição da atividade:** A psicopedagoga entrega um ábaco de papel e canudinhos inteiros e outros cortados em 4 pedaços para o aluno, depois separa o próprio material, igual ao do aluno, para que possa participar da atividade também.

No início definem-se as regras do jogo, tudo em comum acordo com a criança. Ora a roleta gira para um participante, ora gira para o outro.

A proposta é que cada participante consiga completar o total de 10 canudos inteiros. Como os valores serão dados pela roleta, o critério é sorte e não mais ou menos conhecimento.

A atividade propõe uma forma interativa e dinâmica para a visualização do conceito de fração e soma de fração, trabalhando sem grandes dificuldades, sempre com o auxílio do material concreto para que fique claro o exercício realizado e pensamento obtido.

- Resultados obtidos e discussão:

M. alega gostar da escola e dos colegas, tendo apenas uma menina que ele intitula como “chata”, pois reclama tudo para a professora. A professora foi descrita como chata em alguns momentos e legal em outros. As únicas matérias que relata não

gostar são história e geografia. Durante as provas alega que os colegas solicitam com insistência a “cola” das questões, fazendo com que ele perca a paciência e forneça a prova por inteiro. No entanto, foi surpreendido pela professora e acabou perdendo a prova juntamente com os colegas. Afirma não argumentar com a professora sobre as insistências do colega, pois não quer ser o “dedo duro”, que conta tudo para a professora. Em casa relatou que gosta muito da mãe, pois ela é boa com ele e dá dinheiro para o lanche quando lhe é solicitado. Já com o pai, relata não gostar quando ele se irrita por nada.

Todas as atividades foram feitas pela criança com rapidez, o que evidencia uma facilidade no uso da leitura, do raciocínio lógico e conceitos matemáticos. Parece que o mesmo acontece em relação às atividades proporcionadas pela escola. As duas primeiras atividades foram utilizadas com o objetivo de promover, de forma lúdica, a interação entre a profissional, psicopedagoga, e a criança.

Observa-se que o fato de ao término de cada atividade já haver outra planejada, fez com que M. não apresentasse ansiedade ou agitação, queixas frequentes na escola.

È importante destacar o fato de a criança mencionar, mais de uma vez, durante a realização das atividades, que se sente sozinho na escola e em casa. Esse questionamento ressaltou a necessidade de realização de uma reunião na escola para verificar o desenvolvimento de M. junto aos demais colegas de classe.

M. mostra-se uma criança carente de atenção ao evidenciar aspectos de solidão, ansiedade pelo momento do atendimento psicopedagógico e tentativas de prolongamento do contato com a profissional.

Os seguintes combinados foram feitos: explicação sobre os objetivos dos atendimentos e necessidade de pontualidade com o horário marcado para os encontros e realização das atividades da escola sem atraso.

- Sessão de avaliação psicopedagógica 3 (05/09/2012).

-Objetivo: Verificar habilidades na área de matemática

-Procedimento e material utilizado: O contato foi estabelecido através de perguntas sobre o desenvolvimento na escola na semana que passou; sobre as atividades de fim de semana; e provas realizadas na escola.

Após estabelecido o rapport duas atividades foram trabalhadas com a criança:

Atividade 1

- **Nome:** Dara
- **Objetivo:** iniciar o contato do dia de forma lúdica, com a utilização de jogo de raciocínio lógico
- **Material utilizado:** Um tabuleiro e 24 peças, 12 por jogador
- **Descrição da atividade:** Começa-se com o tabuleiro vazio; um a um, cada jogador põe uma de suas peças em um espaço vazio no tabuleiro; quando todas as peças estiverem colocadas no tabuleiro, cada jogador, alternadamente, move uma peça para uma posição vazia adjacente; quando um jogador consegue organizar três peças em linha, retira uma peça do adversário; não se conta se houver mais de três peças em linha; ganha aquele que deixar o adversário com apenas duas peças.

Atividade 2

- **Nome:** Base, agrupamentos e trocas
- **Objetivo:** Verificar o conhecimento da criança quanto ao sistema matemático de agrupamento e trocas, envolvendo tabuada.
- **Material utilizado:** papel com de duas cores diferentes (ábaco de papel) e papel para registros.
- **Descrição da atividade:** Através da utilização do ábaco de papel, foi solicitado que a criança fizesse a representação de números com os papéis. Cada papel rosa sempre representava um montante a ser trocado e cada papel branco representava uma unidade. Representações foram solicitadas como: Registro de 28 pontos com trocas de 3 em 3; registro de 82 pontos de 9 em 9.

- Resultados obtidos e discussão:

A realização de um jogo sempre ao início de cada encontro facilita a interação entre a psicopedagoga e a criança, deixando o ambiente mais leve e descontraído. M. sempre alega que a semana foi boa, que os colegas são legais e que a escola foi tranquila, sem relatar dificuldades de interação com os colegas. Em todas as sessões M.

fornece a mesma resposta, sem detalhar como foram as atividades da semana, mesmo se perguntas forem feitas.

Durante a realização da atividade matemática proposta a criança não apresentou dificuldade, fazendo a maior parte dos cálculos mentalmente. Em apenas um exercício M. apresentou um resultado errado, pois tentou fazer muito rápido e realizou todas as contas mentalmente. No entanto, ao refazer acertou com facilidade.

Por realizar muitos exercícios apenas mentalmente, M. acaba por esquecer como é estabelecido o passo a passo no registro. É necessário ressaltar que a criança apresenta facilidade quanto à disciplina matemática, apresentando erros apenas em momentos que tenta realizar os exercícios com muita rapidez e apenas mentalmente. Será preciso trabalhar com M. a importância de seguir o passo a passo em cada atividade para minimizar os erros, sempre com o apoio do registro.

Sessão de avaliação psicopedagógica 4 (13/09/2012).

- **Objetivo:** Verificar a capacidade de interpretação e contas matemáticas da criança

- **Procedimento e material utilizado:** A sessão foi iniciada com um contato através de perguntas sobre o desenvolvimento da semana que passou. Como em todas as sessões, M. respondeu sem muitos detalhes, alegando apenas que foi uma semana boa e tranquila.

Iniciamos com um jogo e depois a sessão foi dividida em mais duas atividades:

Atividade 1

- **Nome:** Dara
- **Objetivo:** iniciar o contato do dia de forma lúdica, com a utilização de jogo de raciocínio lógico
- **Material utilizado:** Um tabuleiro e 24 peças, 12 por jogador
- **Descrição da atividade:** Começa-se com o tabuleiro vazio; um a um, cada jogador põe uma de suas peças em um espaço vazio no tabuleiro; quando todas as peças estiverem colocadas no tabuleiro, cada jogador, alternadamente, move uma peça para uma posição vazia adjacente; quando um jogador consegue organizar três peças em linha, retira uma

peça do adversário; não se conta se houver mais de três peças em linha; ganha aquele que deixar o adversário com apenas duas peças.

Atividade 2

- **Nome:** Interpretando o texto
- **Objetivo:** Verificar a interpretação de texto quanto à consciência semântica.
- **Material utilizado:** Texto “O gigante Cabeça de Pedra”
- **Descrição da atividade:** M. foi suscitado a ler o texto e explicar com suas palavras o que compreendia. Esta atividade verifica a velocidade de leitura, dicção, e compreensão textual.

Atividade 3

- **Nome:** Multiplicação por um e por dois algarismos no multiplicador
- **Objetivo:** Verificar em que passo M. se perde no desenvolvimento do cálculo.
- **Material utilizado:** Ficha com cálculos diversos de multiplicação e lápis.
- **Descrição da atividade:** Uma ficha com várias contas de multiplicação foi proporcionada à M.. A profissional deve acompanhar cada passo da realização das contas, sempre indagando a M. como foi o desenvolvimento do raciocínio.

- Resultados obtidos e discussão:

Verifica-se que M. não apresenta dificuldade de interpretação de texto, lendo e compreendendo o texto com facilidade. No entanto, em matemática, mesmo com facilidade para realizar contas, M. apresenta dificuldade para obter os resultados corretos devido sempre realizar o exercício mentalmente, sem a utilização do registro para estabelecer o passo a passo de cada conta. Ao realizar contas de multiplicação com um algarismo no multiplicador M, consegue acertar sem dificuldades, já ao realizar contas de multiplicação com dois algarismos no multiplicador M. erra por tentar realizar mentalmente.

Destaca-se o fato de todas as contas M. não querer usar o registro, realizando tudo mentalmente. Quando solicitado a usar o registro, demonstra não dominar como é a estrutura de uma conta armada e alega que o livro não ensina a utilizar o registro, solicitando contas mentais. Desta forma, foi solicitado a M. que levasse para o próximo encontro o livro e caderno de matemática para verificarmos o método abordado. Será necessário trabalhar constantemente com M. a necessidade da utilização de registros para estabelecer o passo a passo das contas, evitando erros e ansiedade.

Outro ponto a ser ressaltado é o de que M. sempre tenta prolongar as sessões com conversas após o fim do atendimento, acompanhando a psicopedagoga até a portaria para deixar a chave do salão e, por fim, até a saída do bloco. A partir destes dados, resta claro a necessidade de atenção advinda de M..

4.2/ As Sessões de Intervenção.

Sessão de intervenção psicopedagógica 1 (19/09/2011).

-Objetivo: Trabalhar a estrutura de contas de multiplicação com dois algarismos no multiplicador e a importância do uso de registro.

-Procedimento e material utilizado: O contato foi estabelecido através de perguntas de como foi a semana da criança, como: como foi a semana na escola; como foi o fim de semana; o que aconteceu de interessante. Logo após, como o combinado na sessão anterior, M. levou o livro e caderno de matemática. A sessão obteve como objetivo principal a realização de atividade de multiplicação com dois algarismos no multiplicador, sempre trabalhando a importância do uso de registros para o passo a passo de cada conta, estabelecendo a localização de cada número ao desenvolver a operação.

Uma ficha foi proporcionada a M. com várias contas de multiplicação. A cada conta realizada a criança foi solicitada a explicar o desenvolvimento do raciocínio.

A sessão foi finalizada com o jogo Dara. Começa-se com o tabuleiro vazio; um a um, cada jogador põe uma de suas peças em um espaço vazio no tabuleiro; quando todas as peças estiverem colocadas no tabuleiro, cada jogador, alternadamente, move uma peça para uma posição vazia adjacente; quando um jogador consegue organizar três peças em linha, retira uma peça do adversário; não se conta se houver mais de três peças em linha; ganha aquele que deixar o adversário com apenas duas peças.

- Resultados obtidos e discussão:

M. nunca faz muitos detalhes de como foi a semana ou fim de semana. Sempre sua resposta é simples, com apenas um comentário de que foi tranquilo.

Durante a realização da ficha com as operações de multiplicação, M. apresentou alguns erros por não estruturar corretamente a conta. No entanto, ao orientá-lo quanto à organização das contas M. conseguiu realizar com facilidade.

Demonstração e explicação foram proporcionadas a M. para que ele verificasse a necessidade do registro e o motivo de cada espaço para os números, como o espaço para as unidades, dezenas e centenas. Desta forma foram feitas operações e ao final M. já não errava mais a estrutura e, conseqüentemente, não errava mais os resultados.

É importante destacar que nenhum familiar de M. vai levá-lo ou buscá-lo na sessão. Desta forma a profissional, psicopedagoga, não obtém nenhuma informação do desenvolvimento da criança além do que é relatado pela própria. Quanto aos conteúdos e dificuldades de aprendizagem M. é detalhista, no entanto, quanto ao desenvolvimento geral da semana em relação à socialização com os amigos e familiares ele é bastante sucinto, não fornecendo nenhum detalhe e sempre alegando tranquilidade e nenhum problema.

Através de ligação, a profissional, psicopedagoga, solicitou uma reunião com a mãe de M. para obter maiores informações sobre o desenvolvimento da criança em casa e na escola. Reunião agendada para dia 21/09/2011 às nove horas. Uma reunião com a escola também foi agendada para o dia 23/09/2011, com a presença da professora regente de M. e a orientadora pedagógica.

Sessão de intervenção psicopedagógica 2 (21/09/2011)

-Objetivo: identificar junto aos pais de M. questões sobre seu desenvolvimento, comportamentos na escola e em casa, expectativas em relação ao acompanhamento psicopedagógico.

-Procedimento e material utilizado: Entrevista semi-estruturada com perguntas como: qual a autonomia de M. quanto aos deveres de casa e atividades da escola; se ele relata acontecimentos da escola; se já aconteceu casos de bullying na escola; qual o procedimento da família diante de acontecimentos não esperados; qual o procedimento da família mediante o bom desempenho de M., se a família quer que a psicopedagoga aborde algo na reunião com a escola.

- Resultados obtidos e discussão:

A reunião foi iniciada apenas com a mãe de M., pois o pai ainda estava a caminho. A mãe descreve que M. não tem autonomia para fazer quase nada em casa, tanto relacionado com a escola, como afazeres de rotina. Ele solicita a atenção do pai ou da mãe para fazer coisas simples como tomar banho e pendurar uma camisa no cabide. A mãe relata que a forma de lidar com o filho é completamente diferente da do pai, pois este é bastante rigoroso. Ela afirma que prefere conversar de forma pacífica com o filho, sem se exaltar ou ser rude. Com isto, todos ao redor não compreendem a maneira que ela age e acabam confundindo com ser permissiva e negligente. M. não descreve para a

mãe como foi o seu dia na escola, mesmo se ela perguntar. Em alguns momentos chegou a falar para a mãe que não relataria muitas coisas, pois ela ficaria preocupada demais. A mãe cobra de M. que fale os acontecimentos cotidianos para ela, pois toda mãe se preocupa com o filho e quer ajudar da melhor forma, mas M. não responde a esse argumento. No entanto, a mãe percebe que após o trabalho psicopedagógico iniciado M. começou a falar mais, e está mais tranquilo. Em uma conversa relatou para a mãe que se sentia sozinho em casa e que não possuía autoestima.

O pai chegou à reunião e complementou com informações. Ele alega que deve ser sempre rígido com M. ou ele não faz as coisas que deve fazer. Afirma que M. gosta de provocar os pais, pois quando o proibem de fazer ou pegar algo ele fica rodeando, mostrando que está quase fazendo, mas que não fez. Os pais narram que M. é um menino que não consegue ficar parado muito tempo, a não ser para ler. Durante atividades como fazer o dever de casa da escola M. levanta-se muitas vezes para fazer coisas aleatórias como beber água, ir ao banheiro, pegar algo que está faltando, entre outras coisas usadas para não permanecer na atividade. Contudo, o pai afirma que M. cumpre combinados estipulados com o tempo. Quando ele desce para brincar na pracinha perto do prédio, o pai coloca o relógio no braço de M. e ele sempre cumpre o horário definido para retorno.

Os pais trouxeram o fato de que M. foi expulso da sala nesta mesma semana e alegou que foi por ter deixado a borracha cair no chão. O pai recebeu a ligação da escola com a queixa de que M. não respeita os combinados feitos em sala e não atende aos chamados da professora, por isso acabou por ser retirado de sala. Os pais informam que M. sempre relata estes episódios como algo em que não teve culpa e que não fez nada demais, como derrubar uma borracha no chão, justificando que a professora que é nervosa. Mas a mãe desta vez afirmou que conversou mais com M., dando exemplos de eventos ocorridos em casa, em que ele também simplificou os acontecimentos e com isso M. admitiu que não foi apenas a borracha.

Diante das colocações da mãe e do pai, a psicopedagoga relatou suas percepções a respeito de M.. Resta claro que a criança tem necessidade de atenção extra, ou seja, atenção que crianças na idade dele não necessitam mais com tanta frequência. Durante as sessões M. tenta prolongar o encontro, acompanhando sempre a psicopedagoga até o porteiro para entregar a chave e quase a levando ao carro para ir embora. M. já relatou

se sentir sozinho em casa e algumas vezes, também, na escola. Assim como com os pais, ele não revela com detalhes os acontecimentos da escola. A psicopedagoga expôs que talvez M. estivesse com a percepção equivocada do que é receber atenção dos pais. Com o dia-a-dia de trabalho e rotina de obrigações os pais podem acabar por valorizar comportamentos não desejados visto que a interação com M., na maioria das vezes, é estabelecida apenas em momentos em que a criança não fez algo que lhe é esperado. Observa-se que quando faz o correto acaba por não ser percebido. Desta forma, M. pode querer prolongar situações simples, como fazer o dever de casa, pendurar a camisa no cabide, tomar banho, para obter a atenção que precisa diariamente. Foram propostas algumas estratégias para minimizar esta dependência da criança para com os pais. M. precisa perceber que pode ter a atenção dos pais em momentos mais positivos e prazerosos. Os pais foram orientados a valorizar, quando M. realizar algo da forma que lhe é esperado. Esta valorização deve ser sempre feita com elogios e sem a relação com dias que ele não faz. O intuito é fazer com que M. tente sempre dar o melhor, pois perceberá mais claramente a aprovação dos pais. Já as atividades realizadas sem êxito, não devem ser muito exaltadas, mas somente relacionadas à capacidade que M. tem de fazer melhor.

Quanto à organização, como M. cumpre combinados estipulados com tempo, um cronograma de atividades diárias foi sugerido para que os pais realizem com ele, determinando o tempo e hora para fazer cada atividade. Foi destacado que os adultos possuem esta organização, sempre prevendo o horário que devem sair de casa, por exemplo, para chegar a tempo no trabalho. Esta percepção deve ser trabalhada com M.. Como a mãe ressaltou que M. só faz quando o pai ordena, foi sugerido que sentassem os três na mesa para que juntos fizessem um cronograma de atividades diárias, dividindo e assumindo responsabilidades. Desta forma M. irá perceber que pai e mãe juntos estão trabalhando para a organização dele.

Foi discutido ainda a possibilidade de o pai ou a mãe ir buscar M. na sessão, para que, juntamente com a psicopedagoga, ressaltassem boas realizações da criança no dia e na semana. A mãe se prontificou e afirmou que isso poderia ser iniciado a partir da próxima segunda-feira.

Os pais reconheceram que talvez M. estivesse com percepções equivocadas de quando terá a atenção. Concordaram com as estratégias propostas e afirmaram que deixariam a psicopedagoga mais informada sobre os comportamentos e atitudes de M.

IMPRESSÃO: É perceptível a insegurança da mãe para lidar com as dificuldades que o filho apresenta. A mãe verbaliza não saber o que fazer e se sentir paralisada. Já o pai, simplifica as atitudes do filho como se fossem birra de criança para provocar os pais.

A entrevista foi produtiva, de forma que os pais perceberam que M. necessita desta atenção extra por um tempo para depois ter mais autonomia e conseguir realizar as atividades com mais segurança.

CONDUTA: verificar se o cronograma foi elaborado, se os pais conversaram com a criança e se a mãe irá buscá-lo.

Sessão de intervenção psicopedagógica 3 (23/09/2011)

-Objetivo: buscar informações sobre a criança com a orientadora pedagógica e professora regente na escola

-Procedimento e material utilizado: Entrevista semiestruturada com perguntas como: Como é o desenvolvimento de M. quanto aos conteúdos; como é o relacionamento dele com os colegas; o que faz durante os recreios; se já sofreu bullying; se já conversaram com os pais dele sobre o desenvolvimento comportamental na escola; quais as estratégias já utilizadas e quais foram produtivas.

-Resultados obtidos e discussão:

A entrevista iniciou com a professora de M. relatando acontecimentos que ela avaliou como relevantes. A professora descreveu M. como um aluno muito inteligente, que apresenta facilidade com as matérias trabalhadas em sala, principalmente matemática. M. não teve casos de sofrimento de bullying na escola, pois é identificado pelos amigos como o menino que sabe muito matemática.

Quanto ao desenvolvimento nas matérias e notas M. não apresenta dificuldades, é apenas muito desorganizado com as atividades passadas e materiais escolares. A professora e orientadora relataram que M. tem acessos de raiva em alguns momentos, que elas denominaram como crise. No entanto, M. não desconta sua raiva nos colegas,

mas sim, em si mesmo. Ele se agride com socos e tapas na cabeça. Em um episódio em que M. forneceu cola na prova para seu colega e acabaram por parar na sala da orientadora, esta perguntou para os dois meninos qual a solução que eles dariam para resolver o problema. M. respondeu que a única solução seria socar a cabeça e batê-la na parede. A orientadora relatou que conversou com M. explicando que esta atitude não resolveria o problema, que poderiam achar outra solução. M. argumentou que sempre resolve seus problemas assim e que não seria diferente naquele momento. Neste mesmo episódio M. foi parar na sala do coordenador para uma conversa, mas ele solicitou uma tesoura, pois somente “se matando iria resolver o problema” (sic).

Tanto a orientadora como a professora alegam que M. tem uma relação delicada com o corpo, pois tudo quer resolver punindo-o. Chamaram a atenção da necessidade de um acompanhamento psicológico específico, além do trabalho psicopedagógico, e informaram que já solicitaram isso à família. Foi sugerido pelos profissionais que a psicopedagoga também conversasse com os pais sobre a indicação de auxílio psicológico, pois a família demonstrou confiança no trabalho que está sendo realizado juntamente à psicopedagoga.

Estratégias já foram usadas pela escola para trabalhar com as reações e dificuldades de M., como: estabelecer combinados com a turma; fazer combinados diretamente com M.; conversar com toda a turma sobre as necessidades de combinados para conseguirem realizar as atividades estipuladas; conversas apenas com M. Apesar de todas as tentativas, ele sempre acaba não cumprindo os combinados.

Diante dos relatos da orientadora e professora, a psicopedagoga apresentou suas percepções diante das sessões realizadas até o momento. A necessidade de atenção demonstrada por M. foi ressaltada, juntamente com a proposta feita aos pais sobre a valorização do que é feito de positivo. Esta proposta também foi solicitada para a escola. Como M. foi orientado pela psicopedagoga para oferecer auxílio à professora quando terminar suas atividades antes dos demais colegas, a professora deverá valorizar sua iniciativa e concretização da atividade com rapidez e eficácia. A professora e orientadora alegaram que tentariam trabalhar com esta proposta de valorização do aluno e de colocá-lo como ajudante, mas fariam com muita cautela para não gerar ciúmes e outros problemas com os demais colegas.

A professora relatou que M. não passa os recreios na biblioteca e, sim, jogando futebol e correndo com outros colegas. Apenas em uma semana em que a umidade de Brasília estava muito baixa, todas as crianças foram proibidas de correr e jogar futebol. Desta forma, muitas foram para a biblioteca.

Destaca-se a informação de que M. não se envolve em brigas físicas com os colegas. No entanto, um episódio no ano passado, em que M. se exaltou a ponto de agredir vários colegas e sair correndo pela escola sem controle, é lembrado por ele sempre. Todas as vezes que M. quer algo e não consegue faz referência a este dia para a professora, afirmando que ela sabe o que acontece quando ele fica muito nervoso. A professora relata que não pode ceder diante deste apelo, pois sabe que desta forma o aluno irá manipulá-la para fazer o que quer.

IMPRESSÃO: A entrevista trouxe informações importantes sobre a reação de M. a frustrações e em momentos de raiva, o que não havia sido relatado pela família ou pela criança. A escola aceitou a estratégia de valorização de atividades positivas realizadas por M. durante os dias de aula e de trabalhar com M. como ajudante de turma por ter mais facilidade com as matérias.

CONDUTA: Ficou combinado que a escola chamaria a família de M. para uma reunião até a semana seguinte e que a psicopedagoga trabalharia a possibilidade de atendimento psicológico para a criança com os pais, além do trabalho com a organização e cumprimento dos combinados.

Sessão de intervenção psicopedagógica 4 (26/09/2011)

-Objetivo: Trabalhar com o passo a passo nas contas de multiplicação com dois algarismos no multiplicador.

-Procedimento e material utilizado:

A sessão foi iniciada com perguntas de como foi a semana na escola e em casa. Logo após, a psicopedagoga forneceu um ficha com diversas contas de multiplicação com dois algarismos no multiplicador.

Para finalizar a sessão, o jogo Dara foi proposto.

-Resultados obtidos e discussão:

M., como em todas as sessões, não descreveu com detalhes como havia sido a semana em casa ou na escola. A criança apresentava-se um pouco insegura e mais fechada nesta sessão, mas a psicopedagoga não ressaltou esta percepção durante o atendimento.

A ficha com as operações de multiplicação foi proposta, mas M. não mostrava-se com muito interesse em resolvê-la. Algumas operações foram realizadas, mas sem a devida atenção, o que ocasionou alguns erros. Desta forma a psicopedagoga sugeriu que parassem com as operações para que formulassem o cronograma de atividades diárias dele.

M. afirmou que os pais não conversaram com ele sobre a reunião que tiveram com a psicopedagoga e que não foi realizado nenhum cronograma de atividades. A partir destes dados, a psicopedagoga informou a necessidade deste cronograma para a organização de M. quanto ao tempo para os estudos e brincadeiras. Foi trabalhado com ele que todos, sendo adultos ou crianças, tem um cronograma de atividades diárias, mesmo que não esteja escrito. Isto possibilita a previsão do horário necessário para tomar banho, por exemplo, antes de sair para a escola, sem que falte tempo e haja atrasos. Porém, no início de cada período do ano, o ideal é que este cronograma seja escrito para a melhor organização possível e com o tempo ele saberá todos os horários automaticamente. Diante da explicação M. aceitou fazer um cronograma. Todas as atividades foram lembradas, dia a dia da semana. Atrás foi colocada a orientação de que ele conversasse com os pais para verificar se alguma atividade estava sendo esquecida e se eles teriam alguma sugestão para ser incorporada.

Após a finalização do cronograma, o jogo Dara foi iniciado. Durante o jogo perguntas foram feitas a M., como: se ele fica com raiva com frequência; como reage a este sentimento. M., como é muito esperto, logo perguntou o que a professora da escola havia dito para a psicopedagoga, pois ele estava ciente da reunião. Foi relatado que a professora da escola informou que ele se agredia com tapas no corpo quando estava com raiva, mas que nem tudo foi conversado na reunião por falta de tempo, e por este motivo a psicopedagoga estava fazendo estas perguntas, para entender melhor. Diante do exposto M. mostrou-se com vergonha, mas informou que não bate no corpo, mas apenas na cabeça, com socos e tapas, além de bater na parede.

Durante a sessão, M. alegou que em muitos momentos perde o controle quando está com raiva. O episódio da tesoura com o coordenador foi exposto pela psicopedagoga, de forma tranqüila e sem pressão. M. foi relatando aos poucos alguns momentos que foram descritos como de muita raiva. Ele afirma que sempre que tem raiva se bate ou se machuca de alguma forma. Ferimentos leves foram mostrados para psicopedagoga, como cortes pequenos e arranhões, todos relacionados a momentos de raiva em que ele mesmo se machuca. Ao ser questionado sobre o motivo de se machucar desta forma e quantas vezes já aconteceram, M. relata que a dor alivia a raiva e que sempre que perde o controle por estar muito irritado começa a se machucar com o que estiver por perto, como: ponta de caneta, ponta de lápis, tesoura; imprensando o braço entre duas carteiras da escola; faca de cozinha. Expõe que um dia quase deu uma de maluco, pois foi até a cozinha e começou a se arranhar com a faca, mas acabou percebendo que “estava maluco demais, mas que não é maluco” (sic) e guardou a faca. M. assume que muitas vezes se machuca até sangrar, pois é a dor que alivia a raiva que está sentindo no momento. Após relatar algumas ocasiões de raiva implora para que a psicopedagoga não comente nada com a mãe, pois afirma ter vergonha e sua mãe se preocupar demais.

Durante a reunião na escola o relato da solicitação da tesoura por M. tinha a opção de ser um jeito de a criança chamar a atenção da professora e dos pais. No entanto, durante a sessão com a psicopedagoga, ele retrata cada detalhe com extrema dificuldade, falando baixo, olhando para o chão, apertando a mão, nunca olhando nos olhos da profissional. Apenas no momento de solicitar para não contar para a mãe, M. olha a psicopedagoga nos olhos, com um olhar assustado e arregalado.

A psicopedagoga conversa com M. sobre a possibilidade de ele mesmo contar sobre essas reações para a mãe, pois ela estará disposta a ajudá-lo no que for preciso. Ainda afirma que a mãe fica triste em saber que ele não confia nela o suficiente para contar tudo, mas que acha que ele já está mais confiante, pois conversou sobre se sentir só em casa e não ter autoestima.

M. reluta, afirma que não pode contar e não quer contar para sua mãe, pois ela ficará muito preocupada e ele ficará com vergonha. Novamente implora que a psicopedagoga não fale nada para sua mãe.

Diante do que foi exposto, a psicopedagoga garante que está trabalhando para ajudá-lo, e que estavam conversando somente os dois e por isso não há motivo para preocupação.

IMPRESSÃO: Durante a sessão ficou claro que M. não se machucava para chamar atenção, mas para tentar controlar a raiva. Ele havia suplicado que a psicopedagoga não relatasse nada com os familiares, principalmente a mãe. No entanto, não há possibilidade de a mãe não saber sobre estes relatos, devido à gravidade e possíveis chances de acontecer novamente e, talvez, de forma mais grave.

CONDUTA: Mediante telefonema a psicopedagoga agendou uma reunião com a mãe para o dia 29/09/2011, às nove horas da manhã.

Sessão de intervenção psicopedagógica 5 (29/09/2011)

-Objetivo: Conversar com a mãe de M. sobre as reações dele em momentos de raiva

- Procedimento e material utilizado:

O contato foi estabelecido sem perguntas pré-estabelecidas, mas apenas com o intuito de saber se a mãe tinha a consciência das reações de M. e o que pretendia fazer diante disto. Através da exposição de relatos da professora e orientadora da escola durante a reunião com a psicopedagoga, a profissional iniciou a reunião com a mãe, abordando, também, sobre a conversa da última sessão com M.

- Resultados obtidos e discussão:

A sessão foi iniciada com a explanação da reunião feita na escola pela psicopedagoga. Foram apresentados fatos relatados pela escola de momentos de descontrole de M., em que este se agrediu de diversas formas, como bater a cabeça na parede, dar socos na cabeça e solicitar a tesoura.

Durante a explanação da reunião da escola, a mãe de M. colocou alguns episódios de ataques de M. Ela afirma que já presenciou momentos em que ele se agride com tapas e socos, além de bater com a cabeça na parede. Relatou um episódio de M. com a faca na cozinha de casa. No entanto, todos os relatos foram feitos como apenas

momentos em que M. quer chamar a atenção, e não de momentos em que ele realmente se machuca.

Diante do exposto pela mãe, a psicopedagoga relatou sobre a última sessão que teve com M. A conversa sobre os cortes e machucados, além dos motivos, foi detalhada para a mãe. A psicopedagoga afirmou, através dos fatos relatados, que M. não se machuca para chamar a atenção dos pais ou professores, como a mãe afirma, mas parece fazer para controlar e amenizar a raiva sentida no momento.

A mãe de M. deixou claro que não sabia que ele realmente se cortava de propósito, para se controlar. M. mostra os cortes para mãe e declara que foram brincando na escola ou se arranhando durante jogos de futebol. Entretanto, a mãe se lembra de um dia em que ela foi ao banheiro e quando voltou ele tinha cortado a ponta do dedo com um canivete. Ele afirmou que não foi por querer, que estava cortando outra coisa. Diante do revelado pela psicopedagoga sobre a conversa com M. na última sessão e a reunião na escola, a mãe de M. aceita que este corte com o canivete pode ter sido de propósito.

A partir das revelações a mãe de M. afirma que não poderá mais deixá-lo sozinho em casa e terá que esconder as facas e tesouras. Entretanto, a psicopedagoga informou que ele não se machuca apenas com objetos cortantes, que ele usa o que está por perto, como ponta de lápis, caneta, ponta da mesa, e qualquer coisa que possa lhe oferecer dor. O episódio do canivete também foi lembrado, pois a mãe foi apenas ao banheiro e quando voltou ele estava cortado. Ou seja, não adianta ficar com ele o dia inteiro e esconder os objetos mais cortantes, é necessário trabalhar esta dificuldade de lidar com os sentimentos com a criança.

Ao expor as necessidades e fatos, a psicopedagoga perguntou o que a mãe pensa em fazer diante do apresentado. A mãe afirmou não saber e solicitou ajuda. A psicopedagoga afirmou a necessidade de um acompanhamento psicológico para trabalhar com M. Foi evidenciado que apoio psicológico é bom tanto como um apoio de pediatra, pois ninguém sabe como proceder em todos os momentos e dificuldades, e que os profissionais existem para nos auxiliar da melhor forma possível.

Foi ressaltada a importância de que a mãe não abordasse com M. sobre a sessão em que ele assumiu se machucar para a psicopedagoga, pois ele pode perder a confiança

na profissional, dificultando trabalhos futuros, e pode ficar descontrolado, com a sensação de ter sido traído, o que pode resultar em um acesso de raiva.

Telefones de duas psicólogas da área infantil foram indicados para a mãe de M.. Ela se comprometeu a levar M. a uma psicóloga o quanto antes.

IMPRESSÃO: Ficou clara a preocupação da mãe diante dos fatos, pois foram relatados de forma a não ter possibilidades de inferências contrárias a da realidade em si. Não houve possibilidade de negar a necessidade à ajuda para a criança, e o perigo em se adiar a procura de um profissional de apoio psicológico. Chama a atenção o fato de que os comportamentos de auto-agressão em casa ocorrem apenas na presença da mãe.

CONDUTA: Verificar, na próxima sessão, se M. já foi a algum psicólogo depois desta reunião com a mãe.

Sessão de intervenção psicopedagógica 6 (03/10/2011)

-Objetivo: Trabalhar a tabuada do sete, oito e nove.

-Procedimento e material utilizado:

A sessão foi iniciada, como de costume, com perguntas de como havia sido o fim de semana e a semana passadas. Mas M. não detalha acontecimento, falando apenas que foi tranquilo.

Duas atividades foram propostas para trabalhar com a tabuada.

Atividade 1

- **Nome:** Pega- pega tabuada
- **Objetivo:** Verificar e potencializar o domínio com a tabuada.
- **Procedimento e material utilizado:**

Com uma roleta com números de 1 a 9, duas bolinhas e fichas com os resultados de multiplicações da tabuada, dois números são sorteados. A criança deve multiplicar os números encontrados e tentar ser a primeira a encontrar a ficha com o resultado na mesa. Se o resultado já tiver sido achado por quem jogou as bolinhas, esta ficha deverá ser devolvida à mesa, se estiver com o adversário, este permanece com a ficha. Quanto

mais rápido souber o resultado da conta, mais chance terá de pegar a ficha primeiro. O primeiro que totalizar 10 fichas ganha a partida.

-Resultados obtidos e discussão:

A psicopedagoga e M. jogaram três partidas do jogo. M. apenas demorava um pouco mais para calcular os resultados da tabuada do sete e do oito, mas não apresentou dificuldade.

IMPRESSÃO: M. só perde um pouco de tempo para achar o resultado das contas de tabuada de sete e oito por falta de estudo. Com apenas um pouco mais de estudo ele irá dominar toda a tabuada.

Atividade 2

- **Nome:** Roleta Pega-pega tabuada para multiplicações com dois algarismos no multiplicador
- **Objetivo:** Trabalhar o passo-a-passo da operação de multiplicação com dois algarismos no multiplicador.
- **Procedimento e material utilizado:**

Com uma roleta com números de 1 a 9 e três bolinhas, cinco números são sorteados. Os três primeiros números sorteados, em ordem de jogada, formam o número a ser multiplicado, os dois outros números formam o número multiplicador. Contas devem ser armadas para que a criança realize a operação.

-Resultados obtidos e discussão:

Algumas contas foram armadas para que M. resolvesse usando o passo-a-passo. Ele errou apenas uma operação por falta de atenção. Percebe-se que ele não gosta muito de repetir atividades. Mais de duas vezes a mesma atividade ele já fica um pouco ansioso. É necessário sempre inovar nas atividades para que o nível de concentração seja mantido.

IMPRESSÃO: O trabalho com o passo-a-passo para a resolução das operações de multiplicação com dois números no multiplicador foi realizado com sucesso. M. não

apresenta dificuldades e a ansiosidade foi controlada. Ele apenas perde o interesse e atenção quando as atividades são repetitivas.

CONDUTA: A partir da próxima sessão será trabalhada a escrita de M., pois seus textos são bastante simplistas, sem detalhes ou demais descrições necessárias para entendermos o que foi escrito.

Sessão de intervenção psicopedagógica 7 (15/10/2011)

-Objetivo: Verificar desenvolvimento de M. em atividades em grupo.

-Procedimento e material utilizado: Observação durante atividade em grupo em uma festa de aniversário.

- Resultados obtidos e discussão:

Era um dia de aniversário em casa de festa de um amigo do prédio em que M. mora. Ele iria para a festa juntamente com o aniversariante e outros meninos. O encontro para a saída foi feito na casa do aniversariante. M. apresentava-se bem calado, sem muita conversa com as demais crianças.

Ao chegar na festa de aniversário M. foi correndo para os brinquedos, bastante animado. No decorrer da festa, ele mostrava-se sempre sozinho. Embora estivesse aproveitando os brinquedos, não foi observada nenhuma brincadeira compartilhada.

Entre um brinquedo e outro M. buscava as diferentes opções do cardápio oferecido, comendo durante toda a festa. Percebe-se que M. era o único menino que estava sempre comendo, enquanto os outros precisavam ser lembrados de comer pelo menos um pouco.

Em muitos brinquedos, M. sempre chamava pela psicopedagoga para que ela fosse brincar com ele, para que ela experimentasse o brinquedo, para que ela percebesse o quão divertido era o que ele estava fazendo, relatando quantas vezes já havia ido no brinquedo.

M. realmente se divertiu, mas apenas sozinho em brincadeiras na tirolesa, principalmente. Nota-se que muitos meninos não querem brincar com ele, por alegarem que ele é muito “criança”.

Ao término da festa, ele retornou para casa, também, com o aniversariante, mas o pai não se encontrava em casa e a mãe estava viajando. Com isso a criança precisou ficar na casa de algum vizinho enquanto seu pai não chegava.

IMPRESSÃO: Percebe-se a necessidade que M. tem em chamar atenção e obter posições afirmativas de que o que está fazendo é bom. Sua dificuldade de entrosamento com as demais crianças de sua idade parece estar associada a uma dependência dos adultos para se defender (Vou contar para a minha mãe), inquietação psicomotora e comentários inadequados, o que sugere imaturidade para a faixa etária.

Sessão de intervenção psicopedagógica 8 (19/10/2011)

-Objetivo: Obter informações sobre o desenvolvimento de M. durante as duas semanas anteriores junto aos pais, sobre o auxílio psicológico solicitado e sobre a reunião dos pais na escola.

- Procedimento e material utilizado: O contato foi estabelecido por meio de ligação telefônica, sem perguntas pré-estabelecidas, com o intuito de obter informações sobre o contato feito pela escola para com os pais e o desenvolvimento de M. durante as duas semanas sem atendimento, com a apresentação de percepções obtidas durante a festa de aniversário do amigo.

- Resultados obtidos e discussão:

O contato iniciou com breve pergunta de como foram as duas semanas que se passaram com M. A mãe referiu que estava viajando, mas que ele estava tranquilo com o pai. Toda via, hoje, durante a manhã, M. teve um acesso de raiva: bateu com a cabeça na parede, pegou a faca e ameaçou se cortar, falou que queria se machucar aos poucos, pois assim seria melhor, que queria morrer, que era feio e gordo, que não tinha jeito, que estava sempre sozinho e não tinha ninguém, além de gritar muito com a mãe. Esse acesso de raiva iniciou quando ela solicitou que ele arrumasse seu material, desamassando as fichas da escola, que estava como bolinhas de papel na mochila, apagando e refazendo algumas tarefas que estavam ilegíveis.

A mãe descreveu que não valorizou o ataque de M. e que não cedeu, continuou com a posição sobre o que ele deveria fazer quanto ao material escolar. A reação dele durou umas duas horas, depois a mãe conversou e ajudou ele a se tranquilizar,

afirmando que o ajudaria a se controlar. Com isso M. pediu desculpas sobre o que tinha falado, pois não era certo.

Durante a ligação, ela afirma que está tentando ser menos permissiva, pois sempre cedia ao que M. queria antes que ele reagisse de forma agressiva, e estava percebendo que de certa forma isto era manipulado para que ele tivesse sempre o que quisesse. Como o pai é bastante rígido quanto à educação e responsabilidades, ela tentaria equilibrar não sendo tão permissiva, para que M. não ficasse confuso.

A psicopedagoga relatou sobre o aniversário do amigo, no qual fez a observação. Foi exposto que M. estava bem calado antes de ir para festa, e que depois, durante a festa, ele estava sempre sozinho, porém sempre ativo. Foi levantada a percepção de que M. seja um pouco mais imaturo, ingênuo, do que as demais crianças de sua idade. Como se ele fosse uma criança pequena que está chamando a atenção, mas que conhece outros recursos para tal. A mãe concordou de prontidão e contou que esse foi sempre o ponto que chamou a sua atenção. “M. só tem tamanho, mas é muito mais menino que os outros colegas”. (sic)

Durante um momento em casa, a mãe afirmou que M. conseguiu se vestir sozinho para ir à escola e o pai o parabenizou. Entretanto, M. perguntou por que estava parabenizando-o, que não havia entendido. O pai falou que havia parabenizado, pois tinha ficado satisfeito em ver que o filho conseguiu se arrumar sozinho e que isso era bom para o próprio M.

A reunião na escola, com os pais, foi descrita pela mãe. Os pontos mais abordados foram os “ataques de raiva” da criança. Em um momento de raiva na escola foi necessário três pessoas para segurarem M., pois ele batia com a cabeça na parede e dava socos na cabeça de forma descontrolada. A orientadora declarou para a mãe sua preocupação com o aluno quanto à relação com o próprio corpo, afirmando a necessidade de um profissional, psicólogo, para verificar essas reações de M. A mãe deixou claro que gostou muito da postura da orientadora, pois é muito atenciosa e educada.

Foi reforçada a importância de um acompanhamento psicológico e a mãe falou que ligaria ainda esta semana. Não ligou antes, pois estava resolvendo problemas para a viagem que fez a trabalho. Com isto, solicitou a presença da psicopedagoga no primeiro dia com a psicóloga. A psicopedagoga se colocou a disposição, mas que era necessário

verificar com a psicóloga, pois é esperado que prefira conversar primeiro apenas com os pais, depois ligaria para escola e psicopedagoga para verificar como é o desenvolvimento de M.

IMPRESSÃO: Foi evidenciado que M. não reconhece o valor de um elogio, ainda, pois não está acostumado a ser percebido em pequenas atitudes diárias, como se vestir para ir para escola. Todavia, os pais estão seguindo o combinado de valorizar quando a criança faz o que é esperado. Quanto aos ataques de raiva, M. demonstra não saber lidar com frustração, vivenciando cada momento bom ou ruim de forma muito intensa e não conseguindo se controlar. A mãe mostra-se disposta a mudar o que for preciso para ajudar o filho a se controlar e melhorar seu desenvolvimento emocional.

CONDUTA: Ficou acordado que ela agendaria com uma psicóloga ainda durante a semana e que deixaria a psicopedagoga ciente de todos os acontecimentos.

Sessão de intervenção psicopedagógica 9 (24/10/2011)

-Objetivo: Aprimorar o desenvolvimento da escrita.

A sessão foi iniciada através de uma breve conversa de como foi o fim de semana. M. estava bastante animado, pois no domingo anterior participou de uma corrida de criança e ganhou uma medalha. Levou a medalha para a sessão para mostrar à psicopedagoga. Contou que encontrou uma colega da escola durante a corrida e que gostou muito, pois não conhecia ninguém. M. está inscrito em mais uma corrida, de 2 km, para o próximo fim de semana. Os treinos para as corridas acontecem todos os dias de noite com o pai de M.

M. solicitou que a psicopedagoga subisse com ele até o apartamento para mostrar a medalha que o pai ganhou em uma corrida que também aconteceu no fim de semana. Ele apresentava-se entusiasmado e orgulhoso pela medalha do pai.

IMPRESSÃO: Nota-se que os pais de M. estão proporcionando momentos de descontração para o filho juntamente com a família. Ou seja, o contato de M. com os pais não se restringe mais somente à realização de deveres de casa e ações cotidianas como tomar banho. Isso poderá favorecer M. à adaptação da rotina, com a realização de

atividades simples, como dever de casa, tomar banho, pendurar camisa no cabide, sem muitas dificuldades.

Após a conversa sobre o fim de semana e sobre a corrida, a primeira, das duas atividades planejadas para o dia, foi iniciada.

Atividade 1

- **Nome:** Escrevendo com figuras
- **Objetivo:** Verificar a capacidade de inferência, de conscientização semântica e sintática.
- **Procedimento e material utilizado:**

Utilizando figuras diversas contidas em uma sacola (Figuras do jogo Lince) a criança deve:

- a) Retirar uma figura da sacola e elaborar uma frase.
- b) Retirar 2 figuras e elaborar frases que envolvam os objetos e personagens.
- c) Nas atividades seguintes deve-se explorar a retirada de mais figuras (até 5) e solicitar sempre histórias mais complexas.

-Resultados obtidos:

M. retirou o total de 5 figuras, sempre interligando para formar uma história. No entanto, ele não desenvolve um texto, escreve de forma direta, sem desenvolver a sequência de acontecimento com detalhes.

As figuras sorteadas foram: Máquina fotográfica, flores, banco, peteca e copo de água. O texto produzido foi:

“Eu gosto de tirar fotos com a máquina fotográfica. Eu tiro foto das flores. Eu tiro foto das flores perto do banco. Perto das flores eu jogo peteca. Eu volto para casa e tomo um copo de água.”

Atividade 2

- **Nome:** Aprimorando textos
- **Objetivo:** Desenvolver a consciência semântica e sintática
- **Procedimento e material utilizado:**

Empregando o texto desenvolvido na atividade 1, juntamente com as figuras utilizadas, a criança deve reescrever o texto, aprimorando detalhes e corrigindo a escrita que for necessária.

- Resultados obtidos e discussão:

M. não apresenta erros de ortografia, sendo necessário apenas trabalhar o desenvolvimento de textos mais complexos, descritivos e coesos.

Com o auxílio da psicopedagoga, M. conseguiu desenvolver uma história mais detalhada, com mais descrições dos acontecimentos. No entanto, foi necessário que a psicopedagoga escrevesse para que ele desenvolvesse o trabalho, pois M. tem um pouco de rejeição à escrita.

M. alega não gostar de escrever, pois não tem criatividade. (sic) Prefere ler sempre, pois é mais divertido. Em suas escritas afirma tentar procurar algum episódio do livro que leu para reproduzir.

IMPRESSÃO: M. desenvolve uma história com sequência e coerência, mas não escreve muitos detalhes, não desenvolve a habilidade da escrita. É possível que a falta de detalhes seja por “preguiça” de escrever, pois ao ser estimulado consegue desenvolver um excelente raciocínio com detalhes para histórias.

CONDUTA: Trabalhar a habilidade da escrita de M., mostrando a possibilidade de diversão, também, com a imaginação.

Ao terminar as duas atividades, o jogo detetive foi proposto pela psicopedagoga para terminar a sessão de forma descontraída.

Sessão de intervenção psicopedagógica 10 (31/10/2011)

O início da sessão se deu pela descrição do fim de semana por M. Ele participou de mais uma corrida e estava satisfeito com isto. Ganhou uma medalha, também. Além da corrida, outro momento também foi ressaltado por M.. O pai o presenteou com uma mini bolinha de futebol para apertar, bolinhas usadas para exercitar as mãos. O presente foi proposto para que M. o utilizasse quando estivesse nervoso, apertando-a até que conseguisse adquirir novamente a calma.

Após a descrição dos acontecimentos do fim de semana de M., a atividade planejada foi proposta.

- **Objetivo:** Desenvolver a habilidade da escrita

- **Procedimento e material utilizado:**

Com o livro O diário de um Banana I, foi desenvolvido a atividade. A proposta era que M. lesse alguns trechos do livro e tentasse descrever de forma bem direta e simples. Depois discutiríamos qual texto ficou mais claro, se o do livro ou o que foi simplificado.

- **Resultados obtidos e discussão:**

M. simplificou o texto com tranquilidade e eficácia. Após três partes do livro terem sido trabalhadas para a simplificação, a psicopedagoga sugeriu que M. lesse o texto original e o simplificado e verificasse qual deixava mais claro o episódio ocorrido. M. afirmou que talvez o livro estivesse escrito melhor, mas o texto simplificado dava para entender tudo também.

A partir das observações de M., a psicopedagoga contou uma história, bem simplificada, de como tinha sido o fim de semana para ela. Exemplo: “ Fui ao aeroporto e ao clube, depois passei o domingo em casa. Saí apenas no fim da tarde para comprar um lanche.” Após relatada a história, M. foi questionado se havia entendido toda a história. Ele assegurou que havia entendido tudo. No entanto, a psicopedagoga perguntou se ele sabia que a mãe dela teria vindo para Brasília passar o fim de semana, e que passou o domingo em casa para assistir filme. Diante dos relatos e mais detalhes descritos, M. percebeu que uma história pode ser muito mais divertida quando tem mais detalhes sobre os acontecimentos. Isso a torna mais encantadora para o leitor.

Ao final da sessão, a psicopedagoga salientou que eles teriam apenas mais uma sessão de intervenção. Que o auxílio prestado havia sido o suficiente para que ele conseguisse seguir com responsabilidade e dedicação os estudos, pois não havia dificuldade alguma como os conteúdos abordados na escola. M. rapidamente interrompeu a psicopedagoga alegando que queria continuar as sessões, pois já havia afirmado para a mãe que tinha gostado e combinado que seguiria com as sessões. A profissional deixou M. tranquilo, falando que ele não precisaria se preocupar, pois ela conversaria com a mãe dele e não haveria problemas.

A mãe de M. foi buscá-lo no fim da sessão, com o intuito de conversar com a psicopedagoga. Novamente a profissional expôs todas as percepções sobre o M. durante as sessões realizadas. Foi enfatizado que ele não demonstra dificuldade alguma. A pequena falta de atenção em operações matemáticas, por fazer os cálculos de cabeça, já foi resolvida e trabalhada com M. O trabalho que estava sendo realizado agora era a habilidade para a escrita, pois M. tem capacidade, mas ainda não percebe que pode ser divertido escrevendo, tanto quanto lendo. Após o breve relato do desenvolvimento de M, a psicopedagoga informou que o atenderia apenas em mais uma sessão, e reforçou que seria produtivo um auxílio psicológico para M., mas que esta área deveria ser tratada diretamente com um profissional da área de psicologia. A mãe perguntou se a psicopedagoga já tinha algum local para atender e que conversaria novamente sobre os atendimentos na próxima sessão, pois M. havia gostado muito dos encontros e gostaria de continuar. Depois ela alegou que não ligou para nenhum psicólogo, pois sabe que todos solicitarão que ela fique e faça terapia, o que não ela quer. A psicopedagoga assegurou que adiar não resolveria o problema, pois um dia eles teriam que enfrentar e resolver esta questão juntos. M. é uma criança, e realmente não tem como fazer terapia sem que o psicólogo fale diretamente com os responsáveis para que possam auxiliá-lo no trabalho em casa. Enquanto ele fosse menor de idade seria responsabilidade dela, e por ele deveria responder em muitos momentos ainda. Desta forma, nada melhor do que encarar o problema, para que possam viver com maior tranquilidade educando M. de forma que se torne o homem com autonomia e segurança. A mãe de M. assumiu seu medo de ir a psicólogos, mas deixou claro que tentaria não adiar mais o agendamento com alguma psicóloga.

Sessão de intervenção psicopedagógica 11 (14/11/2011)

- **Objetivo:** Desenvolver consciência sintática e semântica

- **Procedimento e material utilizado:**

Ao início da sessão, a psicopedagoga informou a M. que esta seria a última sessão de intervenção, pois ele não apresenta dificuldade de aprendizagem que necessite de auxílio especializado.

Para finalizar as sessões, foi sugerido um jogo de palavras cruzadas para trabalhar a consciência semântica e sintática, habilidades que o auxiliará na escrita de textos. O

jogo consiste na formação de palavras cruzadas sobre um tabuleiro, sendo usadas peças que variam os valores de acordo com as letras impressas. O jogador poderá colocar palavras inteiras ou acrescentar letras em palavras já inseridas no tabuleiro para formar palavras novas. Ao final das letras o jogador que pontuar mais ganha.

- Resultados obtidos e discussão:

M. alegou que gostaria de continuar com as sessões, mas após a explicação da psicopedagoga não prolongou muito o assunto.

Durante o jogo, M. mostrou-se bastante empolgado, não conseguindo nem ficar sentado no momento que era a vez de jogar. O jogo fluiu de forma divertida e proveitosa, onde M. aprendeu novas palavras e criava contextos com facilidade. A atividade auxiliou M. a perceber sua capacidade de atenção, criatividade e persistência, o que o auxiliará na produção de textos.

Como M. chegou atrasado à sessão, não houve tempo para outra atividade além do jogo. Os atendimentos foram encerrado, como combinado. A psicopedagoga deixou M. à vontade para lhe mandar e-mails ou solicitar auxílios quando necessário, explicando que a mãe dele possui todos os dados para comunicação com a profissional.

V/ Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica

O atendimento de M. foi iniciado a partir da procura da mãe com queixa de que a escola alega indisciplina excessiva do aluno. Ao longo das sessões foi observado que M. é uma criança bastante desorganizada e agitada, porém aprende tudo muito rápido, não apresentando, desta forma, paciência para atividades repetitivas. Em avaliação específica, a psicopedagoga utilizou um jogo que trabalhava a tabuada, e transcorrida duas partidas do jogo M. já estava desinteressado, sendo necessária a mudança constante de atividade durante as sessões. De acordo com Carita e Fernandes (2002) é preciso sensibilidade para perceber as dificuldades e facilidades das crianças durante as atividades, para que sejam proporcionadas atividades adequadas, quanto ao tempo de execução e complexidade, para o desenvolvimento da aprendizagem de forma sistêmica e continuada.

De acordo com Ferreira e Souza (2001) quando uma criança muito habilidosa não é estimulada de forma adequada intelectualmente, essa pode demonstrar alterações de comportamento como resposta à frustração, tornando-se comum que esses alunos se tornem entediados e retraídos diante da rotina escolar determinada pela média da turma. Desta forma, percebe-se que é necessário o constante ajustamento de atividades que proporcionem interesse e estimulação adequada ao nível de desenvolvimento de aprendizagem de cada aluno.

Além da facilidade para o aprendizado, durante as sessões ficou clara a necessidade de apoio psicológico para M. Ele apresenta grande descontrole quando é deparado com um episódio de frustração. Quando perde algo e não encontra, quando quer fazer algo e a professora ou pais não permitem, e demais situações, M. reage de forma agressiva com o próprio corpo, fazendo pequenos cortes, batendo na cabeça com as mãos, batendo a cabeça na parede, entre outras formas que encontra para sentir dor. Ao assumir esses episódios para a psicopedagoga, M. descreve que a dor alivia a raiva que está sentindo no momento. Percebe-se que há assincronia entre o nível de desenvolvimento intelectual e emocional da criança, sendo necessário um acompanhamento psicológico para que a criança consiga superar as barreiras que essa assincronia pode proporcionar. Para Silverman (2002), citado por Fleith (2007) é necessário o acompanhamento psicológico para que esta assincronia seja trabalhada, de

forma a combater e prevenir problemas emocionais e comportamentais que as crianças possam desenvolver

O acompanhamento psicológico foi sugerido para a família diversas vezes pela psicopedagoga, de forma que a profissional expunha todas as percepções advindas das sessões de intervenção para o pai e mãe de M. A mãe abordou que sua principal queixa seria a de que M. possui um desenvolvimento aquém do esperado para a idade e, principalmente, se comparado a facilidade quanto ao desenvolvimento da aprendizagem escolar.

Conforme é explicitado por Landau (1990), muitas famílias apresentam dificuldades para lidar com a discrepância entre o desenvolvimento emocional e intelectual da criança com altas habilidades o que pode repercutir na necessidade de orientações mais específicas.

Certamente a criança se beneficiaria do acompanhamento por professores que tivessem participado de programas de educação continuada sobre superdotação, como proposto por Martins e Alencar (2011).

VI/ CONSIDERAÇÃO FINAIS

Embora haja, ainda, muitas dificuldades para a percepção das necessidades dos indivíduos com altas habilidades, alguns pontos já estão claros e são essenciais, como: a importância da família para o acompanhamento da criança e a importância do psicopedagogo como apoio para a definição de acompanhamento que contemple as reais necessidades da criança, numa perspectiva de desenvolvimento integral.

De acordo com Silverman (1993), altas habilidades é uma qualidade da família, e não apenas uma qualidade que diferencia a criança de todo o resto. Desta forma, a família faz parte do processo de identificação das dificuldades e aprimoramento das habilidades do superdotado, de forma direta.

Como auxílio à família, o apoio de profissionais que possam colaborar para o melhor desenvolvimento da criança com altas habilidades se faz necessário. O psicopedagogo, como um desses profissionais, poderá instruir a família para a contemplação das necessidades do superdotado, visando a perspectiva de desenvolvimento integral.

Como para todos, a educação advinda da escola e família deve sustentar e acolher as crianças mediante suas necessidades para desenvolvimento. No entanto, cabe destacar que superioridade para o desenvolvimento intelectual de pessoas com altas habilidades, não garante capacidade para resolver bem os problemas pessoais e sociais que a vida proporciona. Para isto as famílias devem buscar profissionais capacitados que o auxiliem quanto às necessidades advindas das crianças para um desenvolvimento saudável do cidadão.

O estágio desenvolvido ressalta a necessidade de que o estudo deve ser constante. Cada indivíduo e cada sessão são únicos, sendo necessário embasamento teórico e flexibilização para o melhor alcance possível. A intervenção não é centrada apenas no indivíduo como ser isolado, mas na família como um todo, uma vez que ela pode fazer a diferença em atividades diárias e auxiliar em novas rotinas. Além disso, compartilhar com a criança o planejamento estruturado é essencial para conquista da confiança, reconhecimento de metas e desenvolvimento ampliado de competências não só para a escolarização, mas para uma real participação em sociedade.

VII/ Referências Bibliográficas

- Alencar, E., & Fleith, D. (2001). *Superdotados: determinantes, educação e ajustamento*. São Paulo: EPU.
- Alencar, E., & Fleith, D. (2007). *Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação a pais e professores*. Porto Alegre: Artmed.
- Alencar, E., & Fleith, D. (2010). *Medidas de criatividade: teoria e prática*. Porto Alegre: Artmed.
- Caeiro, J., & Delgado, P. (2005). *Indisciplina no contexto escolar*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Carita, A., & Fernandes, G. (2002). *Manual de sobrevivência para professores*. Porto: Edições Asa.
- Ferreira, A. S. & Souza, L. (2001). Representação social da escola segundo alunos superdotados. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 53 (4), 31-52.
- Gonçalves, F. C. & Fleith, D. S. (2011). Estudo comparativo entre alunos superdotados e não superdotados em relação à criatividade e inteligência. *Psico*, 42, 263-268.
- Kirk, S., Gallagher, J. (1991). *Educação da criança especial*. São Paulo: Martins Fontes.
- Landau, E. (1990). *A coragem de ser superdotado*. São Paulo: CERED.
- Martins, A. C. S. & Alencar, E. M. L. S. (2011). Características desejáveis em professores de alunos com altas habilidades/superdotação. *Revista Educação Especial*, 24, 31-46.
- Ourofino, V. T.; Fleith, D. S. & Gonçalves, F. C. (2011). Fatores associados à baixa performance acadêmica de alunos superdotados. *Psicologia em pesquisa*, 5, 28-38.
- Perrenoud, P. (1999). *Avaliação: da Excelência à Regulação das Aprendizagens – entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Renzulli, J. (1994). *Intervención e Investigación Psicoeducativas en Alumnos Superdotados*. Salamanca: Amarú Ediciones.
- Weiss, M. (2008) *Psicopedagogia Clínica: Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. Rio de Janeiro: Lamparina.